UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PRÓ-REITORIA DE CULTURA

PALCO

JUIZ DE FORA, DEZEMBRO. 2013. ANO VI. N° 38

CULTURA ACESSIBILIDADE E DEMOCRATIZAÇÃO

Através da promoção de eventos franqueados à comunidade e da realização de projetos pensados para proporcionar a iniciação ao universo das artes, a Pró-reitoria de Cultura alcançou em 2013 números expressivos que demonstram o acerto da opção por uma política social da cultura. Os projetos – muitos inéditos –, as diversas ações culturais e eventos realizados ao longo do ano pela Pró-reitoria e por Cine-Theatro Central, Museu de Arte Murilo Mendes e Centro Cultural Pró-Música/UFJF somaram 305 mil espectadores.

Para o pró-reitor Gerson Guedes, esse resultado (confira quadro na página 4) está ligado a uma visão de gestão da cultura pública que mira o longo alcance das ações, sem que isso signifique fazer uma opção entre o erudito, equivocadamente considerado de apelo mais restrito, e o popular. Dois bons exemplos são o Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga, realizado em julho, e o recorte itinerante da Bienal Internacional de São Paulo, que esteve em cartaz no MAMM, provas de que há demanda de público para eventos do gênero. Não por acaso, o projeto *Som de Domingo*, implantado esse ano, fecha 2013 com um concerto na Praça Cívica do pianista Arthur Moreira Lima e da Orquestra Sesiminas.

Esse projeto, aliás, foi um dos principais responsáveis por cumprir a proposta que a Pró-reitoria de Cultura estabeleceu de reforçar a ponte entre a universidade e a comunidade através de iniciativas que buscaram ampliar essa relação. Ao oferecer, de forma aberta e gratuita, uma programação musical que foi do forró ao jazz, do samba à musica clássica, o *Som de Domingo* deu oportunidade ao público de travar contato com uma diversidade musical que muitos talvez não tivessem a chance de conhecer.

E quem teve a oportunidade de se apresentar na Concha Acústica gostou da receptividade da plateia. O músico Joãozinho da Percussão, uma das principais referências da história da música juiz-forana, aponta a recepção "carinhosa" a seu trabalho, no momento em que comemora 60 anos de carreira, e ressalta a diversidade musical do projeto como uma de suas atrações. O compositor e baixista Dudu Lima, que se apresentou ao lado do baterista Leandro Scio e do tecladista Ricardo Itaborahy, avalia que o projeto ajuda a construir um espaço mais democrático no *campus* da UFJF.

PARCERIAS

Para que realizações como essa se tornassem possíveis, foram fundamentais, segundo o pró-reitor Gerson Guedes, o apoio irrestrito do reitor Henrique Duque de Miranda Chaves Filho a todas as ações da Pró-reitoria de Cultura e as parcerias com instituições diversas e órgãos gestores de cultura no município. "Parcerias aumentam a eficácia das ações. Quem ganha com isso é a cidade: quanto mais se agrega, quanto mais houver integração entre os órgãos gestores de cultura, maior o público. Assim, cumpre-se o papel da cultura como agente transformador", afirma Guedes.

O fomento à produção e o apoio às manifestações culturais de forma compartilhada com outros setores criativos da sociedade uniram a Pró-reitoria de Cultura à Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa), ao Museu Mariano Procópio (Mapro), à Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg) e ao Serviço Social do Comércio em Juiz de Fora (SESC-JF). Para o superintendente da Funalfa, Toninho Dutra, nesta gestão, "as relações melhoraram e os laços se estreitaram" entre os dois principais órgãos fomentadores de cultura da cidade. "Essa união potencializa e fortalece uma parceria que só beneficia a comunidade acadêmica e a cidade", garante Toninho, ao se dizer satisfeito com o trabalho desenvolvido ao longo do ano, que inclui, entre outros, o projeto *Som de Domingo*, realizado mensalmente na Concha Acústica do *campus*, e a exposição *Amores*, apresentada no Saguão da Reitoria.

A analista de arte e cultura do Sesc, Débora Gonçalves, entende que as parcerias entre a Pró-Reitoria de Cultura e o Sesc são essenciais. "A universidade tem os melhores espaços artísticos da cidade e, de forma generosa, cede esses locais para a realização dos nossos eventos", explica, ao entender que os dois órgãos "dialogam com o mesmo foco, que é o da transformação social por meio da cultura". Para Débora, o alinhamento de pensamentos e objetivos é imprescindível para o trabalho do Sesc. "Seria impossível realizar o que fazemos aqui sem parceiros e sem apoio", garante Débora, uma das organizadoras do projeto *Sesc Literatura – Grandes Escritores*, que trouxe à cidade expoentes da literatura nacional.

Salvaguardar a memória é primordial para entender o presente, a partir da ótica do passado, e traçar perspectivas futuras. Bem entende esse conceito o superintendente do Mapro, Douglas Fasolato, que desde o início da sua gestão estabeleceu laços com a UFJF e com a Pró-Reitoria de Cultura. "Umas das primeiras iniciativas da minha administração foi estabelecer parcerias com órgão e entidades, entre elas a UFJF", diz Fasolato, ao explicitar as ações educativas e culturais desenvolvidas pelo museu, a exemplo do *Encontro Mundial de Pintura ao ar Livre*. "Essa parceria é importante, e esperamos que ela se mantenha no próximo ano", conclui.

Para o presidente da Fiemg Regional Zona da Mata, Francisco Campolina, a parceria foi fundamental para o sucesso das comemorações dos 80 anos da Fiemg em Juiz de Fora, permitindo levar lazer e cultura de qualidade até os industriários em dois grandes eventos: a apresentação da Cia. de Dança e da Orquestra de Câmara Sesiminas no Cine-Theatro Central e o concerto do pianista Arthur Moreira Lima na Praça Cívica.

Leia mais na página 4

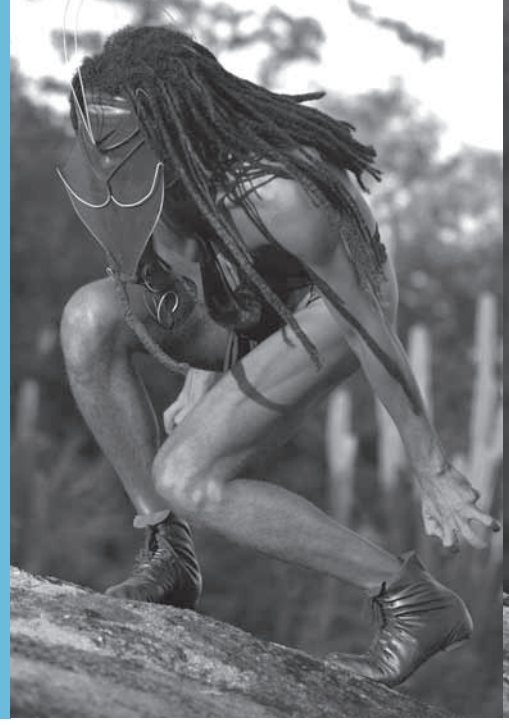
NESTA EDIÇÃO

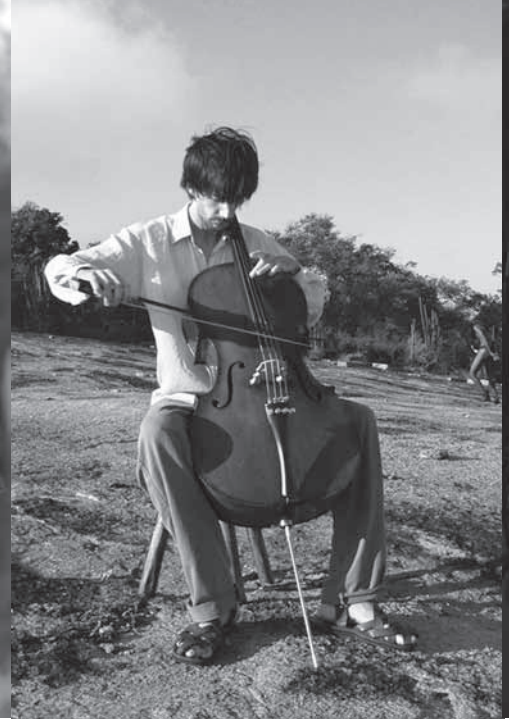
NAITAN
INTENSIDADE E EMOÇÃO

IDENTIDADE
A ARTE GRÁFICA DOS LADRILHOS

ENTREVISTA
AFFONSO ROMANO DE SANT´ANNA

PÚBLICO
CULTURA EM MOVIMENTO





NAITAN IMAGENS DE UMA ELEGIA

Andaluz, com pelagem clara, de crina grande e brincalhão. Assim era Naitan, um cavalo, que, picado por uma cobra, a pisoteia enquanto o veneno se espalha por seu corpo, até enlouquecer e morrer. É dessa história que, a partir de sua formação acadêmica e pessoal, Adilson Nascimento, 51, dá vida a *Elegia a Naitan*. A performance, criada há 13 anos pelo dançarino e registrada pelo fotógrafo Gui Galembeck, é carregada de emoções fortes e sensações intensas. É através da mescla entre a dor da perda de Naitan e a dança, seu maior prazer, que Adilson emociona o público: "As pessoas sempre ficam eufóricas, emocionadas, porque toda vez que eu danço é na mesma intensidade. Transmito a minha emoção para as outras pessoas e é difícil para quem está ao meu redor não se contaminar", explica.

A *performance* de Adilson pôde ser conferida no MAMM na abertura da exposição *Naitan*, organizada por Alessandra Brum e Sérgio Puccini. As imagens captam a força e a intensidade dos sentimentos e da expressão corporal do artista, fixando toda a beleza, a tensão e a energia do personagem e seu balé espontâneo e único.

Adilson dança desde criança e seu corpo é sua forma de expressão e realização. O trágico destino de Naitan comoveu o artista, que sentiu necessidade de homenageá-lo: "A Mandarina [mãe do Naitan] estava grávida, chegou perto de mim e ficou me olhando. Depois nasceu Naitan, vi ele brincando e, quando Fernando Passos [dono do cavalo] me contou da morte daquele animal, fiquei emocionado e tentei escrever algo em sua homenagem. Apenas coloquei dois pontos resumindo a história como a mordida da cobra e não consegui escrever mais nada, e aí eu precisei dançar. Não era para escrever". Adilson, que se apresenta ornamentado apenas com um falo e uma máscara, conta que cada apresentação é única, porque os espaços são diferentes e permitem a ele imaginar como Naitan, o cavalo, se comportaria em cada ambiente. Assim, Adilson não tem coreografia e, sim, uma história para contar.

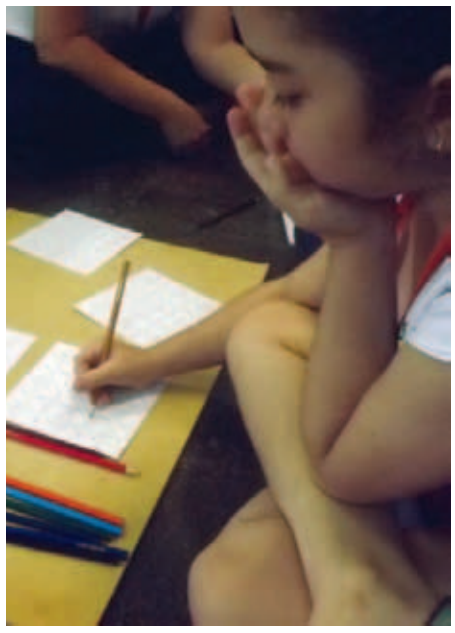
Quando Alessandra Brum, organizadora da exposição, tomou conhecimento do trabalho de Adilson, viu a possibilidade de expor esse trabalho num âmbito maior, e então chamou Gui Galembeck para fotografar a performance. "Sentimos necessidade de registrar isso. É um espetáculo efêmero que, cada vez que acontece, acontece diferente. Chamamos o Gui Galembeck, que é de extrema sensibilidade, para fazer esse registro e daí surgiu a ideia da exposição."

Para Alessandra, a apresentação de Adilson na cidade foi uma das mais belas, o que confirma a roteirista, pesquisadora e atriz Ana Carine Balalé, espectadora: "Eu fiquei entregue. Foi muito emocionante, intensa, tem toda uma criação de personagem muito peculiar que lembra um personagem de fábula. Sobretudo no momento final, em que ele tira a máscara e se veem as duas camadas, a máscara e o ator, que ainda se encontra no personagem». Essa percepção é compartilhada pela professora Rosane Preciosa: "O corpo sempre pensou muito bem, mas a gente faz esse divórcio entre cabeça e corpo. Aqui, a gente pode ver esse pensamento pulsante que vai do dedão do pé ao fio de cabelo. Ele não transide a humanidade quando tira a máscara, mas, como também já não é mais o animal, é como se fosse um entrelugar».

O neurocientista e psicoterapeuta Luis César Nóbeli também ficou impressionado com a performance de Adilson: "Adorei! É Belas Artes, é o corpo como construção artística. Adilson resgata as profundezas dos nossos arquétipos das culturas primitivas, do homem primitivo. A máscara é a nossa *persona*, a nossa sombra. É toda uma arquetipia, que é comum a todos nós".

Raíra Garcia

IDENTIDADE MEMÓRIA EM LADRILHOS



Presentes no revestimento de pisos de grande parte das edificações históricas do centro de Juiz de Fora, os ladrilhos hidráulicos são marca importante da arquitetura da cidade no século passado. Produzidos pela Companhia Industrial e Construtora Pantaleone Arcuri, eles podem ser vistos, por exemplo, no Cine-Theatro Central, projetado e erguido pela empresa em 1929. A técnica e a arte de produção dessas placas são tema de oficinas realizadas pelo projeto *Memória em Ladrilhos* em Juiz de Fora – uma delas foi promovida no final de novembro, no MAMM, voltada para crianças de 6 a 15 anos.

O objetivo é, através de *souvenirs* turísticos que representam a cidade, valorizar a arte gráfica dos ladrilhos hidráulicos. Nas oficinas, são ensinadas as histórias da produção de ladrilhos e das edificações em que eles aparecem. Também são desenvolvidas atividades de observação dos padrões e dos diferentes desenhos possíveis de se formar. Os participantes desenvolvem a manufatura de reinterpretações gráficas, distribuídas posteriormente como brindes.

Essas atividades de conhecimento, assimilação e prática têm "o objetivo de educar o olhar das crianças para o patrimônio; criar pertencimento e preservação; despertar a curiosidade e o interesse pelas formas racionais; desenvolver raciocínio lógico; e divertir com o uso de cores e padrões", explica Rafaela Felício, colaboradora externa do projeto e arquiteta no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), em Brasília.

O PROJETO

Memória em Ladrilhos é uma iniciativa cultural pertencente ao Projeto Releituras da Arte Gráfica dos Ladrilhos Hidráulicos de Juiz de Fora e apoiada pela Lei Murilo Mendes. Seu principal objetivo é a divulgação da arte gráfica e da história de Juiz de Fora para que tal memória possa ser, além de reconhecida e preservada, difundida para a população da cidade e seus visitantes como símbolo de uma das faces que compõem a identidade do município.

O acervo, importante por seu valor iconográfico, é parte da memória coletiva dos habitantes, considerando que pode ser observado tanto em estabelecimentos públicos quanto em privados, frequentados pela maioria da população há mais de um século. Apesar de a busca por memória não ser recente, sua difusão o é. É possível notar a ampliação de mostras, projetos e pesquisas que se voltam às origens buscando o reconhecimento do passado e da identidade do município. A reação positiva do público acompanha paulatinamente esse crescimento.

Por essa razão, além de métodos para que mais pessoas sejam atingidas pela proposta, estão sendo investigados pelo grupo outros elementos arquitetônicos pouco percebidos pela população em seu cotidiano – porém, com grande valor histórico -, a fim de expandir os horizontes de pesquisa e conscientização. "Nosso projeto está sendo muito bem recebido pelo público, o que nos motiva a ampliá-lo para atingir mais pessoas e incluir outras formas de valorização", afirma Rafaela, otimista com os rumos tomados pelo *Memória em Ladrilhos*.

Hugo Queiroz

ENTREVISTA AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Intelectual conhecido internacionalmente e expoente da literatura nacional, o escritor Affonso Romano de Sant'Anna recebeu o *Palco* momentos antes de sua palestra para o projeto *Sesc Literatura – Grandes Escritores*, realizado pelo Sesc em parceria com a Pró-reitoria de Cultura. O evento contou com a participação da atriz Ângela Vieira, que leu seus poemas. Em uma entrevista franca e reveladora, Sant'Anna comentou sobre sua vida, sobre seu ofício e seus projetos. A seguir, as palavras de um senhor de humor ácido e de rara inteligência.

Você é uma pessoa multitarefa. Professor, ensaísta, teórico, jornalista, escritor, poeta. Como essas coisas foram surgindo na sua vida? O que veio primeiro?

Eu não tenho a menor ideia. Na verdade, o meu negócio é escrever, seja no jornal, seja na literatura, como ensaio ou poesia. A minha questão central é a escrita. E isso se diversifica no jornalismo, na literatura, na publicidade. Eu comecei a escrever aqui em Juiz de Fora, aos 16 anos, num jornal chamado *Gazeta Comercial*. Levei um artigo lá, eles publicaram, eu me entusiasmei, e aí continuei. Depois, trabalhei no *Diário Mercantil* e tive a pretensão de fazer, com 18 anos, uma sessão diária sobre cultura. Era coisa de adolescente. Eu criticava tudo - cinema, teatro, música – numa sessão chamada *Resumo*.

De onde suas ideias surgem? O que te inspira para escrever?

Agora, eu comecei a anotar coisas do passado. Chega certo ponto da vida que você já fez o essencial, já casou, já teve filhos, está aposentado, já viajou, tem uma série de experiências, e então o passado começa a ser uma coisa muito importante. Eu estou até um pouco debruçado sobre uma coisa que eu chamo de "quase diário". São anotações que eu comecei a fazer há uns 40, 50 anos.

Você pretende publicar esse material?

Pretendo um dia lançar, não sei será depois de morto, porque eu conto certas coisas que são pesadas para certas pessoas e coisas que são mais pessoais, e acho que tem histórias engraçadas. A primeira coisa que aparece neste texto, por exemplo, é o enterro de Vinicius de Moraes. Eu assisti ao enterro dele em 1980 e faço descrições de como foi aquele enterro, uma avaliação das pessoas que estavam ali, a cena. E é curioso reler aquilo justamente agora que é o centenário de Vinicius de Moraes. Tem muito o retrato de uma época. Eu tento retratar uma época que eu vivi.

Você acha que é possível aprender a ser poeta? Aprender a escrever?

Eu comecei a escrever muito tenramente. Frequentei nos Estados Unidos o Programa Internacional de Escritores. Eles pagavam durante nove meses para você ficar num curso de formação de escritor. Eram 40 bolsas que eram dadas a 40 escritores do mundo inteiro, e ficava-se ali, escrevendo como profissional. O bom escritor, o escritor que tem talento, aprende a escrever. Os outros são bons redatores. Existem diferenças entre o bom redator e o escritor.

Qual é a diferença?

Clarice [Lispector] era escritora. Não era uma redatora. Você lê as frases dela, e é uma alucinação. Guimarães Rosa era um escritor. O escritor é um sujeito que reinventa a linguagem. O redator é um sujeito que controla, domina a linguagem e faz um texto brilhante, correto, e não mais do que isso.

Qual a sua visão da imprensa atual, visto que nós temos novas mídias, novas tecnologias, que transformaram o trabalho do jornalista.

Eu tenho Facebook. Eu tenho blog. E tudo que se passa na internet me interessa. A Internet tem cerca de 20 anos. E é uma surpresa, todos os dias tem uma coisa nova acontecendo. Eu fui presidente da Biblioteca Nacional, e esse jogo em ter a modernidade e aqueles incunábulos, livros escritos no século XII, XIII, que a biblioteca guarda, me ensinou muita coisa, como é que você estabelece um diálogo entre a história e a modernidade.

E como se estabelece esse diálogo?

Esse diálogo é de complementaridade. Você aprende que a história é cada vez mais veloz. A Idade Média levou mil anos, o Renascimento levou 200 anos, o Barroco levou 150 anos, o Romantismo levou 100 anos, o Realismo levou 50 anos, e a Modernidade, quando surgiu, as coisas começaram a acontecer ao mesmo tempo. A modernidade se caracteriza por isso. A sucessão rápida das coisas. E esse é o desafio. Nós estamos numa cidade mutável e mutante ao mesmo tempo, e não podemos perder o pé.

Você lançou mais de 50 livros. Qual a sua visão do mercado editorial brasileiro?

Um problema. Muitas editoras estrangeiras estão comprando editoras brasileiras. E não estão comprando por acaso. Estão comprando porque é um mercado em crescimento e porque querem vender aqui os títulos estrangeiros. Você pega a lista dos *best sellers* da *Veja* de hoje e pega a lista dos *best sellers* da *Veja* de quando eu fui crítico nos anos 70. Nos anos 70, havia uma série de livros brasileiros, romances, livros de poesia. Hoje, desapareceram da lista. As listas são dominadas pelos *best sellers* estrangeiros.

Esse ano, um dos livros mais vendidos é a antologia do Paulo Leminski. Um livro de poesias. Esse livro bateu o *best seller Cinquenta Tons de Cinza*. Você acha que isso aconteceu por quê?

Primeiro, eu acho que esta informação não é verdadeira. Tem que ser checada. Isso faz parte do marketing da Companhia das Letras, que é muito boa de marketing. Segundo, por causa do marketing, ele acabou tendo certa divulgação. E a poesia dele não é tão boa quanto as pessoas pensam. É uma poesia que tem jogos de palavras, tem certa habilidade, algumas coisas interessantes, mas não é um poeta de primeira grandeza como se quer pensar.

Que país é este em que as pessoas "graúdas" estão sendo presas, e jovens estão indo às ruas novamente?

A pergunta é a mesma. A resposta é diferente. Aquele tempo era uma ditadura, hoje é uma democracia, com todos os problemas, mas, ainda assim, uma democracia, e o que se assistiu no mês de junho foi um conglomerado de protestos e ao mesmo tempo um conglomerado de mal entendidos. Os *black blocs*, por exemplo, não estão com nada. Só se aproveitaram da situação e se exibiram da maneira como se exibiram. Estavam muito mais próximos da baderna do que de um protesto organizado. Isso misturado com protestos legítimos. Então, hoje, o país é outro.

Sobre a classe C, que vem consumindo muito. Você acha que esse consumo vai ser revertido para a cultura? Você acha, por exemplo, que o Vale Cultura será utilizado para comprar livros?

O Vale Cultura é interessante, mas não resolve o problema. O que houve foi uma coisa desanimadora, em termos de observações históricas. A minha geração acreditou que os operários, os trabalhadores, tinham que ter acesso à cultura. E se comprovou que os trabalhadores, operários e pobres começaram a ter acesso ao consumo e passaram a ser consumidores, ou consumidos pelo consumo que os consumia. Então, as pessoas consomem coisas que estão nos *shoppings*, e não consomem cultura. As pessoas andam de avião, compram carro, e isso não significa que não há problema. A miséria continua do mesmo jeito.

Você acha que este quadro pode ser revertido de alguma forma?

Eu não sou muito otimista, não. Acho que as coisas ficarão cada vez mais complexas.

Jefferson Oliveira

AGENDA

UFJF | PROCULT
Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Campus Universitário
(32) 2102-3965
www.ufjf.br/procult

EXPOSIÇÃO
Centenário do reitor Moacyr Borges de Matos, fotografias de Roberto Dornelas
Saguão da Reitoria
Até dia 20

CINE-THEATRO CENTRAL
Praça João Pessoa, s/n
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

07 e 08, 19h30 *A Bela e a Fera* (Ballet Misailidis)
14 e 15, 20h *Zoom e Mary Poppins* (Corpus Núcleo de Dança)
18 e 19, 19h Expressão e Movimento
21, 20h Balé Iracris

MAMM
MUSEU DE ARTE MURILO MENDES
Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm
Terça a sexta: 9h às 18h
Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES
Naitan – Fotos de Gui Galembeck
Galeria Poliedro
Até 08 de dezembro

12, 20h Abertura das exposições *O artista. O poeta. O retrato*, Reis Júnior
Galeria Poliedro

Bigi: Homem da Itália – Artista do Brasil
Galeria Convergência

CINEMA
06, 18h30 Lançamento do documentário *Repare bem*, de Maria de Medeiros

LITERATURA
12, 19h Lançamento do Livro *Arquitetura neocolonial*, Ramón Brandão
13, 19h Eco Performances Poéticas com o lançamento do livro de poesia *O jardim simultâneo*, de Milton Rezende
14, 16h Café com Poesia: Mário Quintana

MÚSICAMAMM
12, 20h Erika Ribeiro

PRÓ-MÚSICA
Av. Barão do Rio Branco, 2.329
(32) 3216-4787
www.promusica.org.br

15, 20h30 Concerto de Natal e Lançamento do CD da Orquestra Barroca do Festival, com Orquestras e Coral Pró-Música/ UFJF – Regência: Nerisa Aldrighi e Guilherme Oliveira
Igreja da Glória

FÓRUM DA CULTURA
R. Santo Antônio, 1112
(32) 3215-3850

EXPOSIÇÃO
Presépio, Galeria de Arte e Museu de Cultura Popular
Até 12 de janeiro de 2014

A CULTURA NA UFJF EM 2013
159 apresentações musicais
27 novos projetos
34 exposições de artes plásticas
47 eventos literários (lançamentos de livros, saraus literários)
128 ações culturais (seminários, palestras, cursos, festivais)
105 apoios a atividades culturais
26 apresentações do Coral UFJF
25 publicações de periódicos e catálogos
305.000 espectadores

PÚBLICO DESPERTAR PARA A CULTURA

Algumas iniciativas da Pró-reitoria de Cultura que estrearam em 2013 já demonstram o impacto da movimentação das ações culturais em direção ao público – ou, no sentido inverso, de fazer o público chegar até elas. O melhor exemplo disso talvez sejam os três mil estudantes de 107 instituições de ensino fundamental e médio de Juiz de Fora e região que, através do projeto *Coletivo Cultural*, visitaram o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) em 2013 – para a maioria, sua primeira incursão em um ambiente museológico. O ônibus do projeto transporta crianças e jovens para uma experiência de abertura para novas formas de olhar e interpretar o mundo ao colocá-los em contato com a expressão plástica. A partir de visitas guiadas por monitores de arte-educação do MAMM, estudantes conheceram as instalações do museu, seus laboratórios e acervos, e travaram contato com as exposições em cartaz, dentre as quais a versão itinerante da Bienal de São Paulo, *A Iminência das Poéticas*, e *Juiz de Fora Verbo e Cor*, que reuniu literatura e artes plásticas para traçar um percurso da cidade.

A Pró-reitoria de Cultura inaugurou, também em 2013, o projeto *Leitura no campus*, em parceria com a Faculdade de Pedagogia. Voltado para crianças de 3 a 12 anos, a cada edição, o projeto disponibiliza livros e revistas para atividades de formação de leitores fora do ambiente escolar. As duas edições realizadas – o projeto estreou em outubro – evidenciaram ser possível despertar os pequenos para a leitura, através de uma atmosfera agradável, dinâmica e lúdica e do envolvimento das famílias no processo. Na edição de novembro, escolas do entorno da UFJF participaram das atividades.

Já com o projeto *Luz da Terra*, a Pró-reitoria de Cultura vem promovendo o acesso do artista local ao grande palco da cidade e possibilitando que um novo público conheça o teatro e prestigie a cultura produzida em Juiz de Fora. Com a obrigatoriedade de cessão de 10% dos ingressos a escolas públicas e instituições filantrópicas e imposição de um teto ao preço dos ingressos, o projeto oferece oportunidade a um público que nunca foi ao Central. Ainda em andamento, com apenas sete espetáculos já realizados, a primeira edição do projeto já contabiliza um público de mais de sete mil espectadores.

ARTE NO CAMPUS

Em 2013, o *campus* se tornou um espaço democrático e eclético de manifestações culturais. Além do *Som de Domingo*, outro projeto inédito que veio oferecer fruição de música para quem frequenta o espaço é o *Palco Provisório*. A parceria entre a Pró-reitoria de Cultura e o curso de Música do IAD dá oportunidade aos alunos de se apresentarem, quinzenalmente, nas manhãs de domingos, no Centro de Vivência. "Foi uma experiência muito enriquecedora para os alunos, assim como para o público. Fazer ao vivo, esse gesto 'artesanal' de criar música na hora, de forma orgânica, é algo muito importante, uma vez que atua como formador de cultura e sensibilização artística", explica o coordenador do curso, Luis Leite.

Em 2013, as artes plásticas movimentaram o Saguão da Reitoria e os jardins da cidade universitária. A exposição Casa de Vó, de Yure Mendes, chamou a atenção com grandes esculturas instaladas no gramado da Reitoria. A montagem foi comparada às do museu de Inhotim (Instituto de Arte Contemporânea e Jardim Botânico, de Brumadinho, MG). "As obras tiveram grande visibilidade, e alcancei pessoas que não conseguiria. As pessoas têm gostado muito e têm achado ousada a exposição ao ar livre. As pessoas gostam de arte, só não têm muito tempo para ela. Com as obras no caminho delas, fica mais fácil!", comemorou Yure.

Já o Saguão da Reitoria provou ser um espaço de grande visibilidade para exposições. Com a provocativa mostra simultânea de *Objeto sujeito*, esculturas de Tonil Braz, e *Depois da chuva*, pinturas de Marcillene Ladeira, a galeria se abriu ao talento de artistas formados na própria instituição. Marcillene acredita que é essencial o apoio da universidade aos seus alunos: "Nossos nomes devem ser, primeiro, feitos no local em que nos formamos, pois isso nos dá asas para levantarmos voos mais altos. Sem essa ajuda, dificilmente conseguimos projeções maiores". O local foi considerado ideal por Tonil, por não ser tão movimentado como um espaço urbano, mas também onde há muito vai e vem. O resultado foi gratificante: "Todos os dias, as pessoas chegam até mim falando algo sobre os trabalhos", afirmou, apontando a necessidade de um espaço para estreitar o dialogo entre artista e público, essencial para o amadurecimento artístico.

MULTIPLICIDADE

No Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), 2013 foi de grande produtividade, com a realização de 213 ações culturais até o fim do ano. Até meados de novembro, eventos e exposições já somavam mais de 20 mil visitantes. A multiplicidade de ações e projetos, de iniciativa própria ou em parceria com outras instituições, proporcionou uma diversidade de eventos culturais para o público juiz-forano, entre exposições (15); lançamentos de livros (26); apresentações musicais, workshops e recitais (25); saraus literários (13) e exibições de filme (23, incluindo o apoio para cinéfilos da Faculdade de Letras, do Instituto de Artes e Design e da Faculdade de Medicina, entre outros).

Além disso, o museu realizou 22 ações formativas, entre palestras, conferências e seminários, e ofereceu nove cursos de curto, médio e longo prazo, que supriram diversas lacunas educacionais da região, como o *Ações curatoriais na arte contemporânea*, que tratou dos diferentes modos estratégicos de curadoria; o *Encontros com arte*, em parceria com IAD, que abordou a história da arte do Brasil do período colonial até o contemporâneo, e os cursos de literatura *Poesia partilhada* e *Lira e antilira*, que conduziram o leitor comum a exames mais profundos de clássicos da literatura brasileira e portuguesa. Para a diretora Nícea Nogueira, o MAMM aprofundou sua abertura para a comunidade acadêmica e a comunidade juiz-forana em ações que focaram especialmente a formação de público, fortalecendo assim suas relações com a sociedade e seu papel pedagógico.

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA **Reitor** Henrique Duque de Miranda Chaves Filho **Vice-reitor** José Luiz Rezende Pereira
PRÓ-REITORIA DE CULTURA **Pró-reitor** Gerson Esteves Guedes

PALCO, órgão informativo da Pró-reitoria de Cultura. **Jornalista responsável** Katia Dias **Edição** Izaura Rocha **Revisão** Bruno Horta **Diagramação e arte** Nathália Duque **Fotografia** Géssica Leine, Rizza, Rômulo Souza Rosa, Vinícius Steinbach **Reportagem** Thauan Monteiro **Bolsistas** Aline Marques, Bruno Fonseca, Hugo Queiroz, Jefferson Oliveira, Raíra Gomes Garcia, Rômulo Souza Rosa **www.ufjf.br/procult** **Tel**: (32) 2102-3964